

A FOLIA DE REIS NO VALE DO MUCURI (MG) NUMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIOANTROPOLÓGICA.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer um exercício reflexivo abordando a prática religiosa de uma comunidade praticante da Folia de Reis, localizada na cidade de Carlos Chagas, no Vale do Mucuri (MG). Para isso, utilizamos de algumas categorias epistemológicas para compreender e refletir sobre os elementos culturais presentes nesta prática cultural. A metodologia mobilizada para o estudo, foi com base na etnografia e nas técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Além disso, buscaremos compreender como essa prática se relaciona a diversidade étnica/cultural, principalmente, com os povos índios e negros, que caracterizam esta região, localizada no nordeste mineiro. Nesse sentido, analisou-se as características do “ritual” enquanto mecanismo articulador de elementos, práticas, saberes, sentidos e significados, que remetem resistência a uma tradição e concepção identitária fundamentada em mitos, ritos e crenças do cristianismo popular manifestado nos povos que habitam a zona rural da região estudada. Trabalhou-se com o conceito de “agente” para elucidar uma “malha de interação” que mobiliza as pessoas, em torno da perpetuação e performance das práticas que caracterizam a Folia de Reis, a qual se perpetua no tempo e espaço, por mais de 90 anos.

PALAVRAS CHAVES: ritual/mito, identidade cultural, mudança social e políticas culturais.

INTRODUÇÃO

A prática da Folia de Reis, entendida para além da ideia de “grupo de cantadores” ligados ao catolicismo popular rural, traz, nas relações sociais de produção deste rito coletivo, a existência de dramas e conflitos típicos do universo cotidiano das relações de trabalho e de lazer, revelando sua pluralidade na contemporaneidade (GOLOVATY, 2005) em contexto global.

Este artigo tem como objetivo possibilitar uma reflexão sobre as práticas, sentidos e significados da Folia de Reis, que se localiza na cidade de Carlos Chagas – MG, na mesorregião do Vale do Mucuri -MG. A partir de abordagens históricas e sócioantropológicas,

analisou-se o imaginário dos grupos sociais que manifestam essa prática cultural, entendida por eles enquanto elemento tradicional, rito de fé, resistência cultural e representação simbólica de um *ethos de grupo*. Este, com base numa vida idealizada de forma adaptada a um estado de coisas que produz um modo vida e visão de mundo, que “torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro” (GEERTZ, 2012, p.67).

As manifestações culturais populares do Vale do Mucuri - nordeste de Minas Gerais, apresentam-se de forma diversificada. A Folia de Reis, neste contexto, é um dos elementos característico desta diversidade. Esta prática, guarda um “mito de origem” que se atualiza no tempo e tem a capacidade de fortalecer os vínculos sociais, a memória e a identidade de grupo, por meio de performance expressadas através das danças, cantigas, brincadeiras, contos, rituais, símbolos que ligam a narrativa de uma passagem bíblica, que remete ao nascimento de Cristo (RODRIGUES & CORDEIRO, 2010). Este ritual de fé, enquanto mecanismo articulador de elementos, práticas e sentidos, remetem a um *ethos* de grupo.

Essa prática cultural passou por um processo migratório da zona rural para a cidade, se deparando com as diversidades e “choques” de mudança, onde ao se deslocarem para a cidade se deparam com os “estrangeiros”, um universo de variedades e novidades de quase todos os gêneros. Assim, nesse novo ambiente é que “se observa essa furiosa atividade de traçar e deslocar fronteiras entre as pessoas (BAUMAN, 2009, p.74-77). Contudo, as pessoas ligadas a Folia de Reis continuaram reafirmando e remarcando fronteiras de significação capaz de preservar identidades de grupos. No âmbito desta expressão cultural, chama-se atenção para as temáticas relacionadas à indústria cultural, identidade local, rito simbólico de reafirmação e a re-significação do cristianismo observado na prática da Folia de Reis.

É possível observar na cosmologia das pessoas envolvidas com a prática da Folia de Carlos Chagas - MG, que a maioria dos seus praticantes diretos são do sexo masculino, descendentes de negros e índios. Muitos deles afirmaram praticá-la há pelo menos 50 anos, outros, até 90 anos. É importante destacar, também, que essa prática cultural está ligada diretamente a uma classe social com baixo poder econômico. Isso pode ser observado tanto pela localidade onde vivem, e até mesmo pela arquitetura de suas casas, o que, expressa a simplicidade de uma vida localizada entre o rural e as periferias de muitas cidades no país.

Atualmente a mesorregião é considerada como a mais pobre de Minas Gerais (DE MARI & GRADE, 2011).

O fenômeno de mudança imposto pela “globalização”, está diretamente ligado às questões sobre a identidade cultural dos povos globalizados, mesmo aqueles localizados nas periferias ou até mesmo na zona rural brasileira. Diante deste contexto é pertinente pensar acerca do “caráter da mudança na modernidade tardia” (HALL, 2005, p. 14-17). Há tempos é perceptível o consumo vinculado pelo rádio, TV e até mesmo internet por alguns grupos próximos aos agentes difusores da folia, assim como, boa parte das comunidades envolvidas, sejam habitantes da cidade ou da zona rural onde a Folia realiza sua trajetória frequentemente. Neste sentido, não ignoramos o impactos destas ferramentas de comunicação para com estes povos e suas práticas culturais tradicionais no mundo da comunicação tecnificada. No que se trata das ínfimas políticas culturais vigentes no Brasil, o “mundo moderno sofre fraturas por identificações rivais e deslocantes advinda da erosão das classes sociais e da emergência de novas identidades pertencente às novas bases políticas apontada pelos movimentos sociais em voga no mundo (MERCER apud HALL 2005, p.21).

Em contraste a este sistema, ao analisarmos com mais profundidade o contexto das políticas públicas especificamente na Zona da Mata (ABREU, 2010), esta pesquisa aponta para interpretações próximas aos problemas administrativos das políticas culturais no Brasil. Como pode ser observado também no Vale do Mucuri – MG. É de conhecimento inclusive do senso comum, que a região do Vale do Mucuri, a Zona da Mata, assim como outras diversas região brasileiras, estão repletas de problemas essenciais. Este contexto é compreensível, porém não aceitável que a política cultural, como sugere Abreu (2010), não ocupe lugar de destaque nas agendas públicas em várias instâncias da atuação do Estado para com a sociedade civil. Nesse sentido, convém destacar a baixa atenção e atuação das instâncias políticas em relação as manifestações culturais regionais e locais. E para além de produzir uma crítica a respeito disso buscamos contribuir para o “campo da cultura”, no sentido de explicitar a gravidade da problemática referente às identidades e permanência de algumas prática sociais ligadas ao contexto rural. Bem como estimular o debate a fim de tirar as políticas culturais (apesar dos pífios avanços) de um relativo adormecimento em que se encontram.

CONTEXTO HISTÓRICO DA FOLIA DE REIS NO VALE DO MUCURI – MG

A Região do Vale do Mucuri teve seu processo “civilizador” tardio em relação às outras regiões do território do Estado de Minas Gerais. Assim como outras regiões brasileiras passou pelo processo de colonização de forma traumática, onde o poder econômico pautado por uma visão, desenvolvimentista, imperava de forma agressiva e predatória, apesar das raras exceções. Ligado a isto, o processo migratório que viria povoar e “desenvolver” a região fazendo com que circulasse capital dentro do Vale do Mucuri se deu de forma singular. Nesse sentido, os “povos nativos” em sua maioria foram praticamente exterminados enquanto “negros” e “mestiços” eram explorados pela mão de obra. Ao mesmo tempo imigrantes europeus, impulsionados pelo próprio Estado, eram trazidos em parceria com o político Teófilo Ottoni (1807-1869). Esse contexto, de certa forma, demarcou traços da formação socioeconômica e cultura da região.

Fruto desse conflito cultural e desajeito político brasileiro, alguns dos cantadores de Folia de Reis que participaram na produção desse estudo, descendem diretamente dos povos que abitavam o território (“os índios”), dos “negros” migrados do Vale do Jequitinhonha – MG, “negros” nascidos no Vale do Mucuri, e provavelmente de europeus impulsionados pelo “processo civilizador” e por influência de propostas política e econômica do “branquiamento”, em fluxo principalmente no século XIX, no Brasil. Como exemplo, podemos citar a Companhia do Vale do Mucury. Primeira empresa, com autorização dos governantes do período a criar um projeto de “civilização” na região, interligada com propostas mercadológicas em prol do desenvolvimento do capital, vinculadas pelo próprio Estado brasileiro em participação com as elites regionais brasileiras, “preocupadas em criar um caminho alternativo para acessar a praça comercial do Rio de Janeiro” (SILVA, 2009, p. 12).

É possível perceber que a “Folia de Reis” específica da cidade de Carlos Chagas, no Vale do Mucuri – MG possui a maioria dos cantadores descendentes diretos de descendentes “afro-brasileiros” e “ameríndios” que habitavam a região durante a proliferação desta prática. Com base nos discursos dos cantadores de Folia, entrevistado para o presente estudo, pode-se dizer que esta prática já era existente antes do nascimento de qualquer um destes Foliões, até mesmo o Senhor Joaquim Caboclo, atualmente com 98 anos de idade. Analisando esses discursos, é possível dizer que a Folia existe desde o século XIX, possível de ser fruto de confluências de tempos mais remotos da História social brasileira.

Entretanto é difícil afirmar uma única história sobre o surgimento e origem da prática da Folia de Reis. Nesse sentido, a complexidade da problemática de sua origem na região estimula-nos a pensar em três hipóteses: 1) Ela surgiu poucos séculos após o início da colonização do Brasil no imaginário dos “povos” que habitavam a região ou em seu entorno (Sul da Bahia, oeste do Espírito Santo e principalmente do Vale do Jequitinhonha - MG); 2) Ela chegou com imigrantes impulsionados pelas ações políticas e gestoras da Companhia do Vale do Mucuri, através do administrador Teófilo Otoni. 3) A prática migrou com povos que vieram do Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e qualidade de vida. Estas propostas, para se pensar uma possível origem dessa prática cultural, remetem a necessidade de mais pesquisas na área a fim de que se possa compreender com maior clareza sua importância e identidade cultural para seus praticantes.

É correto dizer também, ao analisarmos a narrativa memorial dos cantadores, que foram os “negros” quem mais difundiram a Folia no interior da região e em suas proximidades, possibilitando ao mesmo a perpetuação de uma prática religiosa, bem como também uma forma de lazer e sociabilização da comunidade do Vale do Mucuri – MG. Essa prática se conformava nas interações face a face entre “festejos”, “nas promessas dos cantadores”, “numa prática religiosa” e “nos votos de felicidades para o futuro”. Sendo assim, a partir das motivações que estimulam esta prática cultural nos seus agentes, pode ser entendidas como forma de resistência de grupos sociais que habitavam o interior da inóspita e hostil região. Nesses termos a Folia de Reis na região remete uma busca não apenas por “rememorar suas narrativas fundantes, mas também reatualizá-las e revivê-las, por meio de seus símbolos, ritos, gestos, cantos, ritmo e cor” (RODRIGUES & CORDEIRO, 2010. p. 57).

Nossa proposta central, é que a prática da Folia de Reis, em toda a sua biosfera de relações já se encontrava no imaginário da população do Vale do Mucuri deste o final do século XIX, perpassando o século XX, e resistindo até os tempos atuais, no século XXI. Ou seja, mesmo que ela tenha vindo diretamente da Europa, sua expressão no Vale do Mucuri, em toda sua formação física e temporal, fez como parte de um cenário propício para o desenvolvimento da prática. Nesse sentido, a utilização da história oral, como recurso técnico neste trabalho, se justifica porque a ocupação de grande parte da região é recente, abrangendo a primeira metade do século XX.

A partir dos anos 1890, migrantes do Jequitinhonha, Norte de Minas e Bahia, fugindo das secas e da concentração de terras nas mãos de grandes pecuaristas, adentraram as porções norte e leste da bacia do Mucuri, especialmente o Vale do Pampã. Para todos estes migrantes, a abundância de terras e recursos hídricos no Vale do Mucuri representava promessa de vida melhor, associada à posse e ao cultivo de terras devolutas (MARTINS, 2010, p.44).

O conteúdo apresentado acima se aproxima muito do contexto social, econômico e cultural no interior da região. Ou seja, do cenário da zona rural apresentado pelos cantadores entrevistados. É importante destacar que uma cantadora, com idade entre 70 e 80 anos, alega ser descendente direta de índios que habitavam o interior e o entorno da região. Um número considerável destes cantadores, alegam terem migrado do Vale do Jequitinhonha – MG, ao mesmo tempo que outros dizem ter contato com o sul da Bahia em suas andanças com a Folia. Todas estas informações são apresentadas pelos discursos e imaginário desses foliões e possibilita compreender o universo amplo da Folia. É importante destacar que as práticas culturais não se limita em território estipulado pelo Estado ou qualquer outra entidade, elas são frutos dos grupos sociais comunitários ou não.

Assim sendo o contexto histórico das Foliás remetem a um legado tradicional fundamentado numa “perspectiva mítica [que] contribui para uma ampla compreensão delas enquanto expressão cultural que recupera elementos da vivência humana e da identidade de diversos grupos” (RODRIGUES & CORDEIRO, 2010.p.61). A Folia se aproxima mais das práticas presente no meio Rural de uma maneira resignificada do cristianismo, porém, diferente do catolicismo, praticado nas igrejas das cidades pelos adeptos. Este “catolicismo popular” expressado pelos Foliões tem um caráter social que reforça e assegura crenças e mitos. Ainda, sua prática promove o encontro de pessoas, trocas simbólicas e materiais que geram divisão social do trabalho. Dessa forma, a Folia de Reis enquanto um ritual e uma expressão cultural, possibilita reforçar “identidade comunitária” frente ao avanço do cientificismo e da “cultura de massa” na sociedade brasileira.

DESCRIÇÃO DENSA DA PERFORMANCE NA FOLIA DE REIS

A maioria dos foliões apresentam um quadro de infâncias relativamente caótico. Muitos relataram ter perdido os pais quando ainda eram crianças. Seu Zé Preto, um dos difusores

mais legitimados pelo grupo, apresenta ter mais de 80 anos, com possibilidades de ter até 90 anos. Este senhor é negro, aposentado e tudo indica que canta a Folia de Reis há mais de 70 anos pois este alega que “canta folia desde criança”. Sua casa, assim como as dos demais cantadores, é muito simples e pequena. Segundo seu Zé Preto, ele teria aprendido Folia com dois marcantes, “todos dois já morreu”, Domingo Cumbuca e o finado Alfredo. A mãe do Seu Zé, “ajeita”, mas não cantava, isto fortalece nossa tese a qual remete a Folia ao século XIX. Ao analisarmos o discurso de Seu Zé Preto, é possível verificar que ele reforça esta prática da folia na cidade de Carlos Chagas – MG, com o Seu Zé Cumprido, pai do cantador Ademar Rodrigues. Mas a realidade é que ele já tinha tido contato com a Folia, que “começou a ajudar os outros, tinha 10 anos de idade”. A Folia de Bom Jesus, a qual seu Zé já foi o marcante disse que é cantada no mês de junho, guiado por seu filho e demais parceiros.

Zé Cumprido, juntamente com Zé, fazem parte da primeira geração deste cantadores os quais pesquisamos. Segundo Ademar, filho de seu Zé Cumprido, e também cantador de Folia de Reis desde “10 ou 12 anos de idade”, seu pai teria nascido em 1922, migrado “para dentro” (para a cidade de Carlos Chagas – MG), em 1935, vindo a falecer em 1990. Dois dias depois, Ademar completaria 22 anos. Seu Zé Preto, alegou que quem “marcava a Folia”, era o seu Zé Cumprido. Aquele teria aprendido com este, possivelmente por volta do ano de 1935, quando seu Zé Cumprido e família, migraram para cidade de Carlos Chagas – MG. Seu Zé Preto, alegou que cantava nas proximidades de Carlos Chagas – MG, (Mangalô) para o sentido de Carlos Chagas - MG, e que a folia significa uma forma de devoção com o Santo. Diz ainda que durante estiver vivo, ele cantará Folia, em devoção para ao santo. Para Seu Zé, “é igualmente a viagem na Lapa, todo ano eu ia na Lapa de Romaria”.

Várias grupos da região realizava essa prática a pé. Há testemunhos que alegam, que do trajeto do Vale do Mucuri até, Porto Seguro, outro ponto local para onde peregrinavam a comunidade, que onça “comia gente na estrada” ao fazerem esse caminho de devoção e de fé cristã. Seu Zé Preto disse que já teria ido de “cakai nas costas” em tempo que não havia transporte. Antes de sua mulher morrer, eles teria ido pelo menos seis vez. Que teria ido a Aparecida também.

Seu Zé aponta também que “de primeiro o povo todo ano cantava folia, Divino do Espírito Santo, tudo, eu já ajudei canta a Folia dele, hoje é Folia mais é de São Sebastião, Santo Reis e Bom Jesus. Nossa senhora da Aparecida também.” Todos estes nomes de

santos, citados por esta cantador, são possíveis de confirmação no contato que tivemos com este grupo de foliões.

Seu Zé, assim como a maioria dos foliões, ao ser perguntado quais os instrumentos que são usados na folia, apontam para o uso da “viola, violão, é o que a pessoa quiser pô, de primeiro usava rebeca, né, sanfona é bonito, na folia. Rebeca acabou, sanfona tem hora que ainda tem...”.

Boa parte dos foliões apresentam em suas narrativas um desapontamento com evangélicos que demonstram incômodo com a prática, desinteresse dos jovens para com a prática. Não todos, mas pelos menos 4 filhos do Seu Zé, já cantou folia de “tudo quanto é santo que tem, que tem devoção com Deus, eu já ajudei cantar”. E que “foi indo, foi indo, aqueles que cantavam mais eles, foi morrendo, finado Zé Cumprido morreu, Alfredo morreu, Domingo Cumbuca, cabou os mais velhos, ficou os mais novo cantando”. Contudo, no discurso dos foliões, é perceptível o desapontamento com os próprios filhos não se interessarem pela prática.

Seu Zé também já cantou com outro importante difusor da Folia de Reis: O cantador Joaquim Caboblo. Este também marca folia e a função do marcante, segundo seu Zé, é quem “tiram a Folia, tem que ajudar e tem quem responder, as contras e as requincas”. Este termos fazem parte da linguagem musical desenvolvida pela cantorias do rito.

Quanto aos hábitos alimentares ligados a Folia de Reis, seu Zé alegou que no “dia da reza, ou do terço, faz-se a comida para os Foliões, que todos que vinham assistir a reza comiam”. Na zona rural, a comida pode ser produzida ao fogão de lenha e gás fartamente. A digestão geralmente aconteceu regada a muitas piadas e causos entrelaçada pelos foliões, muitas vezes referente a seus próprios passados e vivências cômicas do cotidiano. Esta se torna uma rica maneira de sociabilizar com o comum. Se for café da manhã ou almoço, os foliões geralmente seguem após um breve descanso, mas se alimentação doada, for após o jantar, e precise que os cantadores durma naquela casa, os donos da casa disponibilizaram camas, colchões e cobertores o grupo.

Os foliões que atuam como “mestre” e “marcante”, o que poderia ser comparado a um gestor ou produtor cultural da contemporaneidade são responsáveis por firmar algumas demandas da Folia. Os Marcantes ou mestres, realizam a produção da celebração do rito em

diálogo com os donos da casa visitas, de forma que durante as ações seja possível encontrar os donos da casa, alimentação e agasalho suficiente para toda a equipe da folia caso venha precisar deste recurso.

Muitos dos dados já citados cima, assim como os que ainda falaremos neste artigo, foram produzido através de entrevistas e ações participativas as quais foi possível interagir aprendendo as harmonias de pelo menos três músicas cantadas nas casas durante o rito religioso. Realizados também registros audiovisual do cantadores, o que possibilitará arquivar informações referente a essas pessoas, assim como produzir pesquisas futuras relacionados à performance artística destes grupos. Um destes momentos investigativos foi durante o trabalho campo, de com o intuito de descrever a performance da prática, pela Folia de Reis em devoção ao santo São Sebastião, aconteceu na cidade de Carlos Chagas – MG. Esta prática cultural, há anos é desenvolvida por estes agentes, e desta vez, aconteceu na Zona Rural desta cidade, via organização dos próprios foliões e as comunidades visitadas, apoiada pela prefeitura da cidade com um transporte de ida e volta. Todos os cantadores, carregavam seus instrumentos musicais e suas devidas bagagens com roupas e utensílios para as estadias durante a Folia que estava prevista para durar do dia 13 de janeiro de 2014, (de segunda) até dia 15 de janeiro de 2014 (quarta-feira).

Estes foliões se mobilizaram para se dirigirem para a comunidade Quilombola Marques, Marques I, Marques II, e demais casas da proximidade desta parte rural da região, próximo à antiga Estação desativada de Mangalô, logo após o lugarejo de Presidente Pena, distrito de Carlos Chagas, mais conhecido pela população local, como Pena. Para esta ação cultural, o Marcante/Festeiro da Folia (quem tem a função de “tirar o reis” – “puxar o reis, guiar folia no giro certo”, firmar questões de horário, mandar avisar a hora do almoço e receber a “esmola”), enviou um transporte via moto, para apanhar, um dos cantadores (Sr. Leopoldino), que mora da região dos “Mutuca, próximo ao Papam”. Neste sentido, esta antiga rede interativa dos cantadores, esboça um interessante cenário local, que abarca boa parte da região. Este aspecto denota a amplitude do imaginário a qual a Folia de Reis abarca na região do Vale do Mucuri.

Neste primeiro dia de campo, aconteceu uma prática que está ligada diretamente à esse rito, que a qual os cantadores denominam de, “Polistas” ou “Paulistas” e batuques. Além disso, músicas de “antigos” cantores sertanejos, foram executadas por esse cantadores. Foi possível

observar que nesta expressão artística, a maioria colabora com alegria. Os outros, assim como os moradores da casa que cedeu abrigo, observa com satisfação, curiosidade e alegria.

No segundo dia, os cantadores de até 98 anos pareceram empolgados, dispostos e bem humorados. Contam casos uns para outros de toda natureza.

A folia que acompanhávamos, representava o santo São Sebastião – santo que luta pela paz, por conta de ser “soldado Romano” - todos cantadores se encontravam com lenço vermelho no pescoço. Segundo um deles, a cor seria relacionado ao próprio São Sebastião que presa pela paz, mas que luta por ela. Reinaldo, filho de Zé Preto diz que “é preciso tomar cuidado”, “folião quando encontra com outros, nesse tipo de Folia, pode haver briga”. Todavia, tudo se manteve na mais perfeita harmonia do início ao fim. Foram percorridos duas comunidades, Marques I e II. Cantamos em mais de 12 casas. A maioria das pessoas eram de cor, inclusive as crianças, algumas com muito zelo, de tranças no cabelo, distantes de qualquer tipo de tecnologia que valorizasse a beleza típica dos salões de beleza da cidade, mesmo tendo contato com o incentivo da TV, inserida no contexto social. Estas casas, localizadas na zona rural, aonde foram cantadas as folias, foi possível observar antenas parabólicas de TV, que segundo um dos moradores, há dez anos faz uso desta tecnologia comunicacional. Entendemos que em certa medida, estas comunidades, também faz parte do contexto social globalizado. Nas maioria das casa, haviam imagens nas paredes de alguns santos, Jesus ou outras divindades cristãs, além disso, também haviam quadros de artistas consagradas da músicas brasileira, como Leandro e Leonardo, Daniel e Zezé de Camargo e Luciano. Também havia um quadro do ator e cantor Maurício Mattar.

Paralelo a este contexto globalizado, as pessoas desta comunidade, receberam a folia com muita alegria, devoção e respeito. Alguns tradicionalmente pagam uma “esmola”, que nada mais é do que uma investimento na folia, durante seu traslado. Às vezes a esmola é um xeque no valor de 50 reais, como pudemos observar, pode ser também, poucos reais e até alimentos, como café, cachaça, cervejas, vinhos, paratudos, sucos e refrigerantes.

Entre uma esmola e outra, a cada cantoria em uma casa, alguém leva a bandeira para outra casa vizinha. Na maioria das vezes, observei as mulheres das casas visitadas levando a bandeira. Porém, segundo um dos cantadores, pode ser qualquer pessoa. Todavia, não houve folião do sexo feminino participando diretamente da prática da folia. Apesar disso, algumas

mulheres das casas visitadas ajudaram a cantar e carregar a bandeira para as outras casas do entorno.

Durante este ritual, os moradores demonstram durante a chega e saída dos foliões os desejos de devocionais, na maioria das vezes usando o nome de Jesus. Podemos dizer que estes grupos estão fazendo parte de um sistema semi-globalizado, o qual não foi possível possibilitar totalmente o rompimento da prática, pois uma das morados conversou com o Reinaldo para ver a possibilidade dele “cantar uma folia” para ela no próximo ano (2014).

Ainda tratando do contexto alimentar, alguns dos donos das casa eram donos de “botecos”, onde se comercializavam cerveja. Muitas doações foram distribuídas por estes comerciantes, principalmente bebidas alcóolicas. Acreditamos que esta interação fortalece as amizades ao mesmo tempo que possibilita surgimento de novas amizades durante a peregrinação da folia. Neste contexto, foi possível observar respeito para com os mais velhos, colaborando em carregar equipamentos musicais e bolsas com roupas dos cantadores.

Logo que saímos da comunidade Marques I e II, caminhamos até a Comunidade Quilombola Marques. Ao chegarmos, trazendo a bandeira de um dos moradores dos Marques, passamos a bandeira para uma dos moradores do Quilombo. Apesar do diferença conceitual dos nomes dos lugares, estes povos fazem parte do mesmo contexto cultural. Neste local, cantamos os versos de “dormida da bandeira e da pedida do agasalho”. Que em outras palavras significa o momentos de repouso, momento de alimentação e descanso para os foliões, de forma que no outro dia eles retomem a peregrinação musical. Antes de dormir, após a cantoria de “descanso da bandeira”, foram cantado os tradicionais “polistas”. Essa ação se dá de formação de duplas, nesse caso foram 6 foliões, formando três duplas. Ao mesmo tempo alinhados, tocaram violão, viola, pandeiro, caixa, tambor, cantavam e dançavam ao mesmo tempo, giravam zigzagando de forma que os corpos fossem se esquivando uns dos outros, e depois voltavam para suas posições originais, lado a lado com seus parceiros.

Diante do que foi visto, percebemos certa medida de zelo e organização da Folia. Este grupo, no que se trata da música produzida, demonstraram organização musical para com a prática realizada. Os foliões ficam vários dias tocando e cantando, suas vozes tendem a ficar roucas. Diante disso foi possível presenciar os foliões combinarem alternâncias nos cantos, de forma que se possa descansar as pregas vocais. O canto pode causar danos a voz, esta

alternância pode ser uma ótima estratégia de manter a folia vivaz e afinada. Segundo Ademar, este grupo de Folia valoriza mais as vozes, ao contrário da prática cultural, também tida como tradicional e ligada aos grupos negros, por exemplo a congada, que aparenta valorizar com mais a expressão o som dos tambores durante os seus ritos. Jantamos por volta das 22h 30 min na casa do Sr. Aristóteles. Todos os foliões, alguns moradores e acompanhantes da folia, como de costume, marcaram presença com muitas piadas, zombarias e alegria.

MAPEANDO A REDE DE INTERAÇÕES DOS AGENTES ENVOLVIDOS

Observou-se que os agentes articuladores das Foliias de Reis e principais atores do ritual que liga esse evento às cosmologias e práticas sociais, remetem uma herança bio-sócio histórica que apresentam elementos culturais advindo de povos nativos da região e africanos trazidos para o Brasil, bem como também, elementos advindos de imigrantes europeus durante a gestão do projeto *Companhia do Vale do Mucury* (1847-1863) tendo como principal idealizador Teófilo Otoni. Todavia, a maioria dos foliões com quem tivemos contato, narraram ter vínculos de amizade e ou parentescos com comunidades quilombolas e aldeias indígenas da região estudada.

As Foliias de Reis nascem na cultura ibérica como um ritual que celebra o “nascimento de Cristo” inserido no Brasil por influência de padres jesuítas a fim de catequizar os nativos (RODRIGUES & CORDEIRO, 2010). Nesse sentido, esta prática social, como uma expressão cultural enquanto um ritual sagrado remete imaginários que anuncia ideários de “um novo mundo” inserido no processo de mudança social marcante, presente na História da formação do Estado-nação.

A prática das Foliias de Reis que mobiliza moradores do Vale do Mucuri e Jequitinhonha apresenta em suas motivações inspirações com base num “catolicismo rural” e “popular” (CANCLINI, ANO). Sendo assim, o Ritual de Folia de Reis, narra uma passagem bíblica do livro de Mateus capítulo dois versículos de um a dois, onde descreve a viagem dos Três Reis Magos ao encontro do menino Jesus, “O salvador”.

Outra observação feita, durante trabalho de campo, junto aos foliões, remetem sua motivação relacionada em menção aos eventos políticos e econômicos que culminaram na lei

Áurea (1888), que decreta a Abolição da Escravatura no Brasil. Como pôde ser observado em algumas prática e no discurso da Dona Kéle e Joaquim Caboco. Dona Kelé é descendente direto de povos nativos e vivência a Folia de Reis desde a infância. Em certa ocasião, num encontro em sua casa, perguntamos a ela “o que significava a folia para ela?” Respondeu naturalmente que sente “*Alegria, muita alegria mesmo, por que a gente tinha essa vontade de cantar. Antes da alforrias dos negros, por que Santa Isabel Alforriou os negros, existia Folia. E daí pra cá ela deixou marcado, pra todo ano sair com aquela Folia*” (trecho retirado da transcrição da entrevista).

Na visão de mundo dos foliões apresentam-se imaginários e esquemas simbólicos de representação do mundo prático, que orientam suas ações. Assim, muitas vezes foi observado no campo, a relação entre uma prática social, representação mítica do sagrado, herança de origem de crenças e esquemas de representação e sociabilidade de grupo com a “festa da Folia de Reis”. Este ritual recria um evento mítico com base em situações vivenciadas nos contextos cotidianos dessas pessoas, e ao mesmo tempo, remete ao senso coletivo ideias que narram uma origem. Esta, conecta o presente às ações dos seus antepassados que orientam o comportamento social do grupo, como sugere Eliade, 1999, (RODRIGUES & CORDEIRO, 2010).

Nesse sentido, um tipo de vida idealmente projetada num “*ethos* de grupo”, tonar-se “razoavelmente representada, [enquanto] elegi um tipo de comportamento adaptado ao estado de coisas que a visão de mundo descreve” como verdadeiro (GEERTZ, 2012. p. 67). As Foliás de Reis se inserem no contexto da região do Vale do Mucuri e Jequitinhonha como práticas sociais que conformam novas configurações e (re)significação de lidar com o sagrado. Segundo, Rodrigues e Cordeiro (2010) a Folia acontece entre os dias 25 de dezembro à 6 de janeiro. Os foliões saem às ruas e estradas em peregrinação, visitam casas de parente e amigos encenando a cena sagrada dos Três Reis Magos em busca do “salvador do mundo”. Isso reforça alguns valores, faz manutenção simbólica de um imaginário social e fortalece as identidades dos grupos de foliões na região analisada.

Com base nas observações participantes, nos relatos dos participantes e documentos mobilizados durante o trabalho de campo foi possível mapear uma rede de interações face a face (GOFFMAN, 1982). As relações sociais existente entre os agente articuladores, de algumas das Foliás de Reis observadas, apresentam-se de maneiras articuladas por estes

pertencerem a grupos de parentescos consanguíneos e laços de amizades estabelecidos de longa data. Nesse sentido, a narrativa oral desses agentes serviu-nos oportunamente para captarmos a experiência que dá “acesso à significância de seus significados” (CSORDAS, 2008. p. 16). Fornecendo-nos códigos de interpretações e significações de mundo do ponto de vista dessas pessoas, por meio da expressão cultural manifestada através da “festa de Reis”.

Assim, a narrativa que se segue busca refletir a importância da Folia para essas pessoas, o choque cultural com as novas configurações da vida na cidade, a Indústria Cultural no Brasil e a resistência de uma tradição, crenças e hábitos de vida. Os agentes da/na rede, mobilizados neste estudo tiveram suas identidade preservadas, desse modo, os nomes referenciados a seguir são fictícios. As narrativas foram feitas com auxílio dos próprios foliões e de um pesquisador morador da região que conheciam as pessoas entrevistadas para o estudo.

ZÉ CUMPRIDO migrou do vale do Jequitinhonha para o vale do Mucuri. Ele é pai de Ademar, um agente importante enquanto “informante chave” da trama narrada e dos esquemas simbólicos que ligam ao ritual da Folia de Reis. ADEMAR vem para a cidade com dez anos de idade. Ambos remetem a Folia prática religiosa capaz de acionar o sagrado para abençoar a plantação e colheita de alimentos, bem como também o cumprimento de uma promessa por graças alcançadas. Ou melhor, nas palavras de Ademar, “... *fazer por uma promessa, pra sarar alguém, para um roça dar, melhor fruto, né? Tá entendendo? Tudo isto mutivava, ou também fé normal das pessoas, no santo, ou por que tinha ajudado ele numa época, ou que veio de tradição, de outros lugares, isto tudo*”.

Ainda, perguntado sobre a existência da “festa de Reis”, garante que não existe apenas uma Folia, mas que “são varias folhas”. Elas se expressam de forma particular em cada comunidade e grupo de folião, singularidade esta, expressada através de um “revezamento de santos” que é tematizado na reza e oferenda de uma “passada da Folia” sazonalmente. Entretanto, a Folia de Reis apresenta uma identidade única, que narra uma passagem bíblica e que “vai se transformando... daqui que foi pra lá e volta de transformação cultural”. Assim a expressão cultural presentada nessa prática, não existe estaticamente, mas está sempre sendo, nas palavras de ADEMAR também não pertence a um único lugar, pois “as cantorias que a gente canta é transformações de outras lugares”.

Ademar, critica uma “cultura de massa” reclamando dos padrões artísticos e novidades do “mundo urbano”, acusando-os de troca desleal, impositiva e pouco democrática. Diz ele que a “transformação gradativa é normal, choque capitalismo premeditado não é normal”. Este agente, conforme analisamos, possui uma postura mais autoconsciente e crítico de sua condição, e por esse motivo utilizamos suas informações e interpretações de mundo de como pano de fundo nesta narrativa etnográfica da Folia de Reis manifestada na região.

No Vale do Jequitinhonha tem sempre umas pessoa que toca, que na verdade é uma coisa comum daqui do Vale do Mucuri e do Vale do Jequitinhonha. Um bocado de coisa vem de lá também e que tinha aqui e vai pra lá. Algumas coisas vem do nordeste que vai pra lá, que vem pr'aqui que volta pro nordeste e que vai se transformando, é ... Eu estava conversando com Fidelcino isso... É, tem umas coisas que chega aqui de um jeito, por que já era daqui e foi pra lá. Por que o pessoal andava, né?! E aí tem estas coisa, as viravoltas, vai e vem, esta transformação cultural”. (trecho retirado de entrevista com ademar)

O trecho acima evidencia processos de mudanças sociais e a mobilidade com que se descola a prática da Folia de Reis. Nesse sentido, podemos dizer que as transformações e migrações que motivam essas práticas, atualmente tem feito com que o ritual da “passada da Folia” diminua sua frequência e seus adeptos?

A ideia de um “choque cultural” em relação às novas configurações da vida na cidade também fica evidente no discurso de TAMIRO, irmão de ADEMAR. Ele veio para a cidade com vinte anos de idade. Em seu conteúdo discursivo podem ser analisados códigos que remetem o que a maioria dos foliões narram enquanto uma “resistência”, “herança de uma crença e hábitos” e “enfraquecimento frente a indústria cultural”. Diz ele, em certa altura de um dos encontros, expressando estranhamente aos padrões musicais, que falta sentido nas pessoas para com a Folia principalmente na cidade: “achar pessoas para conversar diferente... hoje no caso vejo moça cantando... fala coisas bobas [...] tomei um choque muito grande, eu tomei uma surra muito grande na minha cultura musical”. COMPLETAR...

Para ALTAMIRO essa transformação também é observada e conta como se deu o seu processo de mudança para a cidade e sua relação com a Folia de Reis:

Naquele tempo você usava, nós ia pra roça por acaso você sai da sua casa daqui no frigorífico, vamos lá na sua casa, vamos lá escutar umas músicas no rádio quando nós veio para área urbana, que é onde a gente tá, aí eu já tive a mais, e comecei a se assustar mais, nesta questã, por causa aí agora, já comecei a assistir muito som eletrônico, esta música que tá na mídia que aparecia muito, e agente via, aí eu já mudei um pouco, eu não sabia se separar por acaso, hoje como eu toco um pouco, você teve aí mais nós hoje, cê tocou um pouco junto, o sanfoneiro aí, tudo gente que toca coisa e sabe das coisas boa também, é. (trecho retirado de entrevista de campo)

Um eixo analítico interpretativo na visão de mundo dos foliões que tivemos contato pode ser apresentado, tanto por seus discursos quanto pelas observações. Estimulando-nos a pensar a partir da ideia de “choque cultural”, “processo de mudança” “transição rural/urbano” e “indústria cultural”, numa lógica que se insere sobre as Folia de Reis e as novas conjunturas da produção cultural e religiosa na contemporaneidade. Cabe aqui pensar com base nesse discurso na influência da Cultura de Massa sobre as identidades locais. Também no enfraquecimento simbólico e prática da Folia, diminuindo sua manifestação e frequência de ocorrência por falta de reconhecimento dessa expressão cultural (orgulho cultural) pelos mais jovens ou pelos moradores das cidades.

Outra agente importante para a Folia de Reis manifestada na região analisada, trata-se de Dona Kelé. Na ocasião de entrevista com esta percursora do folia, o pesquisador fez uso de *fotolicitação* para acessar memórias e estimular o diálogo sobre a Folia de Reis na visão desta agente. Ela tem mais ou menos 88 anos e conhecia a mãe de Argemiro (da comunidade São Pedro e também possuía a folia como rito de fé). Perguntada o porquê da frequência da Folia ter diminuído, responde que “não teve condições financeiras, eu adoeci e Reinaldo não pode sair” (Ronaldo filho de Zé Preto e amigo de Zé Cumprido). Complementa dizendo, “andou morrendo uns foliões, outros desgosto” e que “Ronaldo sempre sai ... folia tem que ter muito direito”.

Dona Kéle ocupa uma postura diferenciada no interior da rede, pois além de uma das principais articuladoras do ritual, conhece todos os demais foliões do Vale do Mucuri e alguns do Jequitinhonha. Dona Kelé quando jovem decidiu ir para a cidade, e abandonar o trabalho braçal que desempenhava na roça, juntamente com sua mãe. Ela ainda conta que sua mãe era

lavadeira e cozinheira e que na época que decidira ir para a cidade foi “trabalhar na casa de pessoas ricas”. Essa senhora também nos conta que é descendente direto de indígenas. Embora, apareceu em seu discurso elementos de saudação aos afrodescendentes, quando perguntada sobre o significado para ela da Folia de Reis:

Alegria, muita alegria mesmo, por que a gente tinha essa vontade de cantar. Antes da alforrias dos negros, por que Santa Isabel Alforriou os negros, existia Folia. E daí pra cá ela deixou marcado, pra todo ano sair com aquela Folia. De jeito que quando é pra rezar todo dia 3 de maio, a alforria dos negros, tem a reza da Santa Cruz. Lá em cima eles rezam. Todo ano eles rezam. Lá em Mangalô, lá em Teteu.

Abrindo um parêntese, e pensando o papel do rito, do mito e das performances orientadas pela ideologia de um catolicismo rural, observamos que a Folia de Reis, garante a manutenção das relações sociais, proporcionando encontros e compartilhamento. Esta prática social é sustentada pela relação do simbólico, do sagrado e do enredo que perpassa uma organização e representação de mundo.

Nesse sentido, para os participantes da Folia de Reis nessa região não existem fronteiras entre as Folias organizadas por comunidade vizinhas, e que a folia é uma só. Entretanto é possível observar elementos de identidade dos grupos que organizam a Folia com base no mesmo enredo. Observou-se que nos vários grupos existentes na região que praticam da Folia, uma singularização advinda de cada grupo que a mobiliza, com base numa lógica mais geral da Folia de Reis. Fazem isto através do revezamento dos santos e das músicas cantadas durante o ritual da “passada da Folia”, de acordo com os interesses e demandas de cada grupo folião. Contudo, os agentes articuladores desse ritual acessam através do mito o sagrado. Esse movimento garante certa manutenção da prática e a descendência dos agentes-líderes, representantes de uma memória de resistência cultural e artística.

BIBLIOGRAFIAS:

- ABREU, Andréa Vicente Toledo. O CULTIVO DE SONHOS: UMA CARTOGRAFIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA DA ZONA DA MATA MINEIRA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- Bourdieu, Pierre. 1930-2002. A Distinção: crítica social do julgamento / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. 560p. Tradução de: La distinction: critique sociale du jugement.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925 -. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas / Zygmund Bauman; tradução José Gradel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Zahar (Jorge Zahar Editor). Fundação Editoração, em Adobe Garamond Pro e Avenir e impresso pela Bartira em fevereiro de 2009.
- BENJAMIN, Walter, 1892-1940. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. – 7.ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras Escolhidas).
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da Modernidade; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da introdução Gênese Andrade. –São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. – (Ensaio Latino-americanos).
- CHEVITARESE, L. As 'Razões' da Pós-modernidade. In: Analógos. I SAF-PUC. *Anais*. Rio de Janeiro.:Booklink. 2001.
- COSTA, Jean Henrique. Indústria Cultural e o forró eletrônico no Rio Grande do Norte / Jean Henrique Costa. – Natal, RN, 2012. 309 f.; il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- DE MARI, Cesar Luiz; GRADE Marlene. Universidade, conhecimento e cidadania. *Revista Imagens da Educação*. doi: 10.4025/ imagenseduc.v1i11.12345 / 2011.
- FROEHLICH, J. M.; MONTEIRO, Rosa C. As Perspectivas de uma Nova Ruralidade pela Óptica Urbana: o campo semântico rural-natureza. In: FROEHLICH, José Marcos; DIESEL, Vivien (org). *Espaço Rural e Desenvolvimento Regional: Estudos a partir da região central do RS*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- Golovaty, Ricardo Vidal. Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002 / Ricardo Vidal Golovaty. - Uberlândia, 2005. 180f.: il. Orientador: Newton Dângelo. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAMESON, F. *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2006.

LEAL, Alessandra Fonseca. & LEAL, Erika Adriana. POLÍTICAS PÚBLICAS, CULTURAS POPULARES E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: MEIOS E ALTERNATIVAS. RAEGA (Espaço Geográfico em análise) 26 (2012), p.247-269 www.geografia.ufpr.br/raega/ Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738 - 2012.

MARTINS, Marcos Lobato. **Ocupação e desflorestamento numa área de fronteira: Vale do Mucuri, MG – 1890 a 1950**. Revista de História Regional 15(1): 40-77, Verão, 2010

MORIN, Edgar. *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

MORYC, Carol. Decadência cultural a partir do processo de globalização comandado pela grande mídia. *História Agora*. 2007.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Convite a Viagem. Porto Alegre: Artimed, 2000.

RUBIM, Antonio Albino Canelas & CALABRE, Lia Políticas e Diversidade Cultural no Brasil. *Revista Observatório Itaú Cultural / OIC* - n. 8 (abr./jul. 2009). – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2009.

SILVA, Maria Abadia da. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. *Cad. CEDES* [online]. 2003, vol.23, n.61, pp. 283-301. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-2622003006100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23/02/10.

SILVA, F Weder. Colonização, política e negócios: Teófilo Benedito Ottoni e a trajetória da companhia do mucuri (1847-1863). In: dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História da UFOP. Mariana, 2009.

SOARES, Maria Susana A. E por falar em Pós-modernidade... somos modernos? *Revista de Educação AEC*, nº 89, 1993.